

11. FIM DA OPRESSÃO SEXUAL DAS MULHERES

Na fase inicial do movimento feminista contemporâneo, a libertação da mulher era, muitas vezes, equiparada à libertação sexual. Na capa do livro de Germaine Greer *The Female Eunuch* (uma das obras feministas mais lidas na década de 70), este é descrito como "a última palavra sobre liberdade sexual". Na contracapa, Greer é descrita como "uma mulher com sentido de humor que tem orgulho na sua sexualidade". (A obra mais recente de Germaine Greer, *Sex and Destiny*, é uma reformulação interessante das políticas de fertilidade que contesta muitas das ideias da liberdade sexual para as mulheres que eram defendidas pela autora nas suas primeiras obras.) As pensadoras feministas, como Greer, acreditavam que a afirmação da primazia da sexualidade seria um ato libertador. Encorajaram as mulheres a iniciar os avanços sexuais, a desfrutar do sexo, a experimentar novos relacionamentos, a serem "livres" a nível sexual. No entanto, a maioria das mulheres não tinha tempo livre, mobilidade, contactos e nem mesmo desejo de se entregar a esta chamada "liberdade sexual". As jovens heterossexuais, solteiras e sem filhos, as adolescentes e as estudantes universitárias, politicamente progressistas, eram os grupos que estavam mais dispostos e aptos a moldar os seus comportamentos sexuais segundo o que seria essencialmente uma inversão da ideia masculina da libertação sexual. A defesa da liberdade sexual genuína era positiva, e as mulheres aprenderam por experiência própria que a liberdade de começar um relacionamento, de não ser monógamo, de experimentar sexo em grupo, sadomasoquismo sexualizado, etc., por vezes, podia ser excitante e agradável; contudo, não desconstruía as relações de poder entre os homens e as mulheres na esfera sexual. Muitas mulheres sentiram-se desiludidas com a ideia de liberdade sexual. Enquanto algumas participantes dos círculos feministas continuaram a salientar a importância da liberdade sexual, rejeitando a ideia de que esta devesse ser moldada por um modelo masculino, um maior contingente, heterossexual ou lésbico, começou a denunciar a ideia de liberdade sexual e, até mesmo, de contacto sexual com o homem, pois sentia que as mulheres continuavam a ser exploradas pelos antigos paradigmas sexuais. Cada vez mais estas feministas consideravam a sexualidade masculina repugnante e inevitavelmente exploradora.

Se a liberdade sexual deve ou não ser uma questão feminista é um tópico muito debatido atualmente. (Desde a escrita deste capítulo surgiram algumas novas obras feministas que debatem a sexualidade (*Loving In the War Years*, de Cherríe Moraga; *Powers of Desire*, Ann Snitow, Christine Stansell e Sharon Thompson, editoras; *Female Desire*, Rosalind Coward; *Sex and Love*, Sue Cartledge e Joanna Ryan, editoras, para referir alguns).) Ethel Pearson conclui, no seu ensaio "Sexuality as the Mainstay of

Identity: Psychoanalytical Perspectives":

Então, em suma, embora a libertação sexual seja importante e até fundamental para alguns indivíduos, tem limitações significativas enquanto crítica social e estratégia política. Na pior das hipóteses, a libertação sexual pertence ao culto da individualidade que só exige a legitimação da expressão da necessidade do indivíduo, o que parece ser a sua vida puramente "impulsiva", contra as exigências da sociedade, sem considerar a reordenação política da própria ordem social. A conquista das condições necessárias para a autonomia feminina é um pré-requisito para a autêntica libertação sexual.

Pearson não menciona que reavaliar a sexualidade, ou seja, mudar as normas da sexualidade, é um pré-requisito para a autonomia sexual feminina; portanto, a sexualidade e, conseqüentemente, a "liberdade sexual", é uma questão importante e relevante para a política feminista.

Tem sido uma tarefa fácil para as mulheres descrever e criticar os aspectos negativos da sexualidade como tem sido construída socialmente na sociedade sexista, expor a objetificação e a desumanização das mulheres por parte dos homens, denunciar as violações, a pornografia, a violência sexualizada, o incesto, etc. Tem sido uma tarefa bem mais difícil para as mulheres imaginar novos paradigmas sexuais, mudar as normas da sexualidade. A inspiração para este trabalho só poderá surgir num ambiente em que o bem-estar sexual seja valorizado. Ironicamente, algumas feministas consideravam irrelevantes as questões do prazer, do bem-estar e da satisfação sexual. A ênfase contemporânea colocada na revolução sexual ou na expressão sexual "qualquer coisa serve" levou a que muitas mulheres e homens assumissem que a liberdade sexual já existe e que é até sobrevalorizada na nossa sociedade. Todavia, esta cultura *não* confirma a verdadeira liberdade sexual. Criticando, no seu ensaio "Toward A Feminist Sexual Revolution", o pressuposto de que esta sociedade é sexualmente livre pois não existem muitas restrições, Ellen Willis afirma:

De um ponto de vista radical, então, a libertação sexual envolve, não só a abolição de restrições, mas também a presença positiva de condições sociais e psicológicas que promovam relações sexuais satisfatórias. E, deste ponto de vista, esta cultura continua a ser profundamente repressiva. Obviamente, a desigualdade sexual e o antagonismo entre os homens e as mulheres que daí resulta constitui uma barreira devastadora para a felicidade sexual. Argumentarei além disso que, não obstante o liberalismo sexual, a educação da maioria das crianças produz adultos com atitudes extremamente negativas em relação ao sexo. Nestas condições, a redução da tensão das restrições sexuais leva as pessoas a tentar desesperadamente ultrapassar os obstáculos impostos à satisfação através da atividade sexual compulsiva e da preocupação com o sexo. A ênfase colocada no sexo que, atualmente, se difunde na nossa vida pública – sobretudo a enorme procura de conselhos e de terapia sexual – não demonstra a nossa liberdade sexual, mas a nossa

constante frustração sexual.

As ativistas feministas que consideram a sexualidade masculina inerentemente desprezível têm sido as mais dispostas a tirar a ênfase das questões da liberdade sexual. Focando-se unicamente nos aspectos da expressão sexual masculina que têm a ver com a consolidação do domínio masculino sobre as mulheres, elas hesitam e demonstram relutância em reconhecer que a sexualidade da forma que está construída na sociedade sexista não é "libertadora" nem para as mulheres nem para os homens (apesar de obviamente oprimir as mulheres de uma forma diferente dos homens). Willis argumenta que o reconhecimento do "poder destrutivo do sexo pode ser visto como uma perversão que reflete e perpetua um sistema repressivo", de tal modo que é possível "imaginar uma política feminista coerente, da qual seja parte integrante um compromisso de liberdade sexual". A liberdade só pode existir quando os indivíduos deixarem de ser oprimidos por uma sexualidade construída pela sociedade, baseada em definições da sexualidade determinadas biologicamente: repressão, culpa, vergonha, domínio, conquista e exploração. Para criar condições para o desenvolvimento dessa liberdade sexual, o movimento feminista tem de continuar a dar prioridade ao fim da opressão sexual feminina.

O foco na "libertação sexual" trouxe sempre consigo o pressuposto de que o objetivo deste empenho era permitir que os indivíduos se envolvessem em mais e/ou melhores atividades sexuais. No entanto, um aspecto das normas sexuais que muitas pessoas consideram opressivas é o pressuposto de que nos "devemos" envolver em atividades sexuais. Este "devemos" é uma expressão da coerção sexual. Os que defendem a libertação sexual, muitas vezes, insinuam que qualquer indivíduo que não esteja preocupado com a qualidade da sua experiência ou em exercer uma maior liberdade sexual tem uma perturbação mental ou é sexualmente reprimido. Quando a ênfase principal é colocada no fim da opressão sexual, em vez de na libertação sexual, é possível imaginar uma sociedade na qual seja igualmente uma expressão de liberdade sexual a escolha de participar ou não participar numa atividade sexual.

As normas sexuais tal como são concebidas pela sociedade atual sempre privilegiaram a expressão sexual ativa em detrimento do desejo sexual. Agir sexualmente é considerado natural, normal – não agir é considerado pouco natural, anormal. Este pensamento corresponde ao modelo sexista dos papéis. Os homens são sociabilizados para agir sexualmente, as mulheres para não agir (ou para simplesmente reagir aos avanços sexuais dos homens). A insistência das mulheres que defendem a libertação na ideia de que as mulheres deveriam ser sexualmente ativas como um ato de libertação ajudou a libertar a sexualidade das mulheres das restrições que lhe eram impostas pela dualidade de critérios repressiva, mas não eliminou o estigma associado à inatividade sexual. Até o estigma ser eliminado, as mulheres e os homens não se sentirão à vontade para participar em atividades sexuais sempre que desejarem. Continuarão a responder à coerção, quer seja a coerção sexista que obriga os jovens rapazes a agir sexualmente para provar a sua "masculinidade" (i.e., a sua heterossexualidade), quer seja a coerção sexual que compele as jovens a responder a esses avanços para provar a sua "feminidade" (i.e., a sua vontade de serem objetos sexuais heterossexuais). A eliminação do estigma social

associado à inatividade sexual equivaleria a uma mudança das normas sexuais. Teria muitas consequências positivas para as mulheres e os homens, sobretudo para os adolescentes que, neste momento histórico, têm mais probabilidade de ser vitimizados pelas normas sexuais sexistas. O destaque dado recentemente ao sexo entre os adolescentes heterossexuais indica que a coerção continua a ser a principal motivação para a participação na atividade sexual. As raparigas "fazem-no pelo rapaz", como disse uma rapariga de dezassete anos à sua mãe (citado no ensaio de Ellen Goodman, "The Turmoil of Teenage Sexuality"), e os rapazes fazem-no para provar a outros rapazes que são heterossexuais e que conseguem exercer um poder "masculino" sobre as raparigas.

O movimento feminista pela erradicação do heterossexismo¹⁶ – heterossexualidade obrigatória – é fundamental para tentar acabar com a opressão sexual. Na introdução de *No Turning Back: Lesbian and Gay Liberation for the 80's*, Geere Goodman, George Lakey, Judy Lakey e Erika Thorne definem o heterossexismo como:

a repressão e a negação da homossexualidade com o pressuposto de que todos são ou devem ser heterossexuais e, em segundo lugar, uma crença na superioridade inerente do modelo dos papéis homem-dominante/mulher-passiva. O heterossexismo dá origem a uma heterossexualidade obrigatória que paralisa a liberdade de expressão e o apoio conjunto a relações de heterossexuais, tal como de lésbicas e de homens *gays*.

Dentro do movimento feminista, as mulheres lésbicas foram as que trabalharam mais arduamente para chamar a atenção para a luta pelo fim da opressão sexual. As lésbicas estiveram dos dois lados do grande debate da libertação sexual. Mostraram a muitas mulheres heterossexuais que os seus preconceitos contra as lésbicas ajudam a apoiar e a perpetuar a heterossexualidade obrigatória. Também mostraram às mulheres que podemos sentir satisfação emocional e satisfação sexual recíproca em relacionamentos umas com as outras. Algumas sugeriram que a homossexualidade pode ser a expressão mais direta da política a favor do sexo, uma vez que não está relacionada com a procriação. O movimento feminista pelo fim da opressão sexual feminina está ligado à libertação das lésbicas. A luta pelo fim do preconceito, da exploração e da opressão das lésbicas e dos homens *gays* é um objetivo feminista essencial. É um componente necessário do movimento pelo fim da opressão sexual feminina. Ao confirmarem o lesbianismo, as mulheres de variadas preferências sexuais resistem à perpetuação da heterossexualidade obrigatória.

Ao longo do movimento feminista, houve uma tendência para fazer da luta pelo fim da opressão sexual uma competição: a heterossexualidade *versus* o lesbianismo. No início do movimento, as tentativas de excluir e de silenciar as lésbicas eram justificadas pelo espectro da "*lavender menace*"¹⁷. Mais tarde, o lesbianismo foi apresentado como sendo uma escolha que poderia eliminar a necessidade de lidar com questões de conflito

¹⁶ Heterossexismo, corrente de pensamento e sistema opressivo que considera a heterossexualidade superior a todos os outros comportamentos e identidades que não sejam heterossexuais. (N. da T.)

¹⁷ "Lavender Menace", referência ao grupo de feministas radicais lésbicas que protestaram contra o facto de as lésbicas terem sido excluídas do movimento feminista (1970). (N. da T.).

heterossexual ou como a escolha mais politicamente correta para a mulher feminista. Apesar de muitas feministas reconhecerem que lutar contra a opressão sexual, em particular contra o domínio masculino sobre as mulheres, não é o mesmo que odiar os homens, por vezes, nos encontros e nas organizações feministas, são expressos pelas mulheres heterossexuais e pelas lésbicas sentimentos anti-homem intensos e as mulheres que não são lésbicas, que podem ter ou não relacionamentos com homens, sentem que não são "verdadeiras" feministas. Isto acontece, sobretudo, com as mulheres que podem até apoiar o feminismo, mas que não apoiam publicamente os direitos das lésbicas. É, muitas vezes, esquecido que estamos todas a desenvolver uma consciência política radical, que este é um "processo" e que vence os esforços de construção de solidariedade que condenam ou julgam as mulheres politicamente incorretas quando estas não apoiam imediatamente todas as questões que consideramos relevantes.

A insinuação de que a verdadeira mulher feminista é lésbica (proferida igualmente pelas heterossexuais e pelas lésbicas) cria outro padrão sexual a partir do qual as mulheres serão julgadas e serão culpadas. Apesar de não ser comum as mulheres do movimento feminista afirmarem que as mulheres devem ser lésbicas, a mensagem é transmitida através de discussões sobre a heterossexualidade que sugerem que todo o contacto genital entre as mulheres e os homens é violação, que a mulher que está comprometida emocional e sexualmente com um homem é necessariamente incapaz de manter um compromisso político fiel que se identifique com a mulher. Da mesma forma que a luta pelo fim da opressão sexual visa eliminar o heterossexismo, também não deveria defender qualquer escolha sexual, celibato, bissexualidade, homossexualidade ou heterossexualidade. As ativistas feministas têm de se lembrar que as pessoas com quem escolhemos ter contacto sexual genital (as nossas escolhas de parceiros sexuais) não determinam as nossas escolhas políticas. Na sua introdução de *Home Girls: A Black Feminist Anthology*, Barbara Smith afirma: "O feminismo negro e o lesbianismo negro não são permutáveis. O feminismo é um movimento político e muitas lésbicas não são feministas". Isto também acontece com muitas mulheres heterossexuais. É importante que as mulheres compreendam, sobretudo aquelas que são heterossexuais, que podem comprometer-se politicamente com a luta feminista mesmo estando envolvidas sexualmente com um homem (muitas de nós sabem por experiência própria que a escolha política alterará, sem dúvida, o carácter do seu relacionamento individual). Todas as mulheres precisam de compreender que podem comprometer-se politicamente com o feminismo independentemente da sua preferência sexual. Precisam de compreender que o objetivo do movimento feminista não é definir códigos para uma sexualidade "politicamente correta". A nível político, as ativistas feministas empenhadas em acabar com a opressão sexual têm de tentar eliminar a opressão das lésbicas e dos homens *gays*, participando num movimento geral que permita a todas as mulheres (e a todos os homens) escolher livremente os seus parceiros sexuais.

As ativistas feministas devem assegurar-se de que as críticas legítimas ao heterossexismo não sejam ataques à prática heterossexual. Na qualidade de feministas, temos de enfrentar aquelas mulheres que realmente acreditam que as mulheres com preferências heterossexuais são traidoras ou, provavelmente, anti-lésbicas. A condenação da prática heterossexual levou a que muitas mulheres que desejam ter relações sexuais

com homens sintam que não podem participar no movimento feminista. Elas interpretaram que ser "verdadeiramente" feminista é não ser heterossexual. É fácil confundir o apoio dado à prática heterossexual não opressiva com a crença no heterossexismo. Por exemplo, como resposta a esta declaração em *Ain't I A Woman*, "atacar a heterossexualidade pouco faz para reforçar o autoconceito das mulheres em geral que desejam estar com homens", a feminista lésbica Cheryl Clarke escreve no seu ensaio, "The Failure to Transform: Homophobia in the Black Community":

Hooks dá uma bofetada às feministas lésbicas, a grande maioria das quais são negras. Hooks teria agido corretamente se tivesse atacado a instituição que é a heterossexualidade, uma vez que esta é a principal causa da opressão das mulheres negras na América.

Claramente, Clarke não compreendeu e interpretou mal o meu ponto de vista. Não fiz qualquer referência ao heterossexismo, e é a equiparação da prática heterossexual com o heterossexismo que faz com que pareça que Clarke está a atacar a prática em si e não só o heterossexismo. A meu ver, o feminismo nunca apelará, na nossa sociedade, aos grupos de massas de mulheres que são heterossexuais se estas acharem que serão olhadas com desprezo ou como se estivessem a fazer algo errado. Ao escrever aquele comentário, eu não tinha a intenção de afetar de maneira alguma as lésbicas, pois não são o único grupo de feministas que critica e, em alguns casos, condena toda a prática heterossexual.

Tal como o movimento feminista pelo fim da opressão sexual deveria criar um clima social no qual as lésbicas e os homens *gays* deixassem de ser oprimidos, no qual as suas preferências sexuais fossem afirmadas, deveria igualmente criar um clima no qual a prática heterossexual fosse libertada dos constrangimentos do heterossexismo e no qual pudesse também ser confirmada. Uma das razões práticas para o fazermos é o reconhecimento de que o avanço do feminismo como movimento político depende do envolvimento das massas de mulheres, cuja grande maioria é heterossexual. Enquanto as mulheres feministas (celibatárias, lésbicas, heterossexuais, etc.) continuarem a condenar a sexualidade masculina e, conseqüentemente, as mulheres que se envolvem sexualmente com os homens, o movimento feminista sai prejudicado. São criadas divisões inúteis e desnecessárias. Simultaneamente, enquanto qualquer declaração pró-heterossexualidade for encarada como um ataque oculto à homossexualidade, continuaremos a perpetuar a ideia de que estas são, e devem ser, sexualidades em competição. É possível delinear os aspetos positivos e negativos do lesbianismo sem nos referirmos de forma alguma à heterossexualidade e vice-versa. Apesar de Ellen Willis não mencionar, no seu ensaio, a ideia de que o lesbianismo é a escolha mais politicamente correta para as mulheres feministas ou de que representa outra tentativa de impor às mulheres uma norma sexual, os seus comentários sobre a lógica neo-vitoriana aplicam-se aos ataques ao contacto sexual que as mulheres têm com os homens:

Os neo-vitorianos também comprometeram a oposição feminista à direita, ao equipararem o feminismo às suas próprias atitudes sexuais, expulsando efetivamente do

movimento qualquer mulher que discorde delas. Uma vez que a sua noção do que consideram ser uma sexualidade feminista correta reitera os julgamentos morais convencionais e a propaganda anti sexual atualmente da direita, a propagação da sua culpabilização tem sido bastante eficaz. Muitas feministas, conscientes de que os seus sentimentos sexuais contradizem o ideal neo-vitoriano, entraram num silêncio confuso e num tom de desculpa. Sem dúvida, também existem milhares de mulheres que concluíram, em silêncio, que, se este ideal é feminismo, então o feminismo não tem nada a ver com elas. O resultado é uma apatia e uma desonestidade generalizadas, e uma profunda desunião, num movimento que enfrenta um inimigo decidido que ameaça a sua própria existência.

Um movimento feminista cujo objetivo é eliminar a opressão sexista e, nesse contexto, a opressão sexual, não pode ignorar nem desvalorizar a escolha que as mulheres fazem de ser heterossexuais. Apesar do heterossexismo, muitas mulheres reconheceram e aceitaram que não têm de ser heterossexuais (que há outras opções) e escolheram ser exclusivamente, ou em primeiro lugar, heterossexuais. As suas escolhas devem ser respeitadas. Ao escolherem, elas exercem a liberdade sexual. As suas escolhas podem não ser influenciadas pelo privilégio heterossexual, como o sugerem aqueles que se lhes opõem. Grande parte do privilégio heterossexual é reduzido quando comparado com o nível de exploração e de opressão que uma mulher provavelmente encontrará na maioria das relações heterossexuais. Há exceções. Muitas mulheres escolhem ser heterossexuais por apreciarem o contacto genital com um determinado homem. O movimento feminista enriqueceu a sexualidade lésbica e acrescentou-lhe novas dimensões, e não existe nenhum motivo para que não possa fazer o mesmo com a heterossexualidade. As mulheres que têm preferências heterossexuais precisam de compreender que o feminismo é um movimento político que não nega as suas escolhas, apesar de proporcionar uma estrutura que confronta a exploração sexual masculina das mulheres e que se opõe a esta.

Há algumas feministas (e eu sou uma delas) que acreditam que o movimento feminista pelo fim da opressão sexual não mudará as normas sexuais destrutivas se as pessoas forem ensinadas a ter de escolher entre sexualidades concorrentes (sendo as mais óbvias a heterossexualidade e a homossexualidade) e a obedecer às expectativas das normas estipuladas. O desejo sexual tem dimensões diferentes e diversificadas, e raramente é tão "exclusivo" como as normas sugerem. Uma sexualidade libertadora não ensinaria as mulheres a considerarem os seus corpos tão acessíveis a todos os homens ou, sequer, a todas as mulheres. Em vez disso, privilegiaria uma sexualidade aberta ou fechada, com base no carácter da interação individual. Está subjacente nesta ideia de preferência sexual o pressuposto de que qualquer pessoa do sexo preferido pode tentar aceder ao nosso corpo. Este é um conceito que promove a objetificação. Num contexto heterossexual, transforma todas as pessoas, sobretudo as mulheres, em objetos sexuais. Dado o diferencial de poder criado pelas políticas sexistas, há probabilidade de qualquer homem abordar uma mulher, visto que os homens são ensinados a assumir que devem ter acesso ao corpo das mulheres. A sexualidade seria transformada se abandonássemos os

códigos e os rótulos que despem o desejo sexual das suas especificidades e particularidades. Como Stephen Heath sumariza em *The Sexual Fix*:

O fim da opressão é uma reformulação das relações sociais que liberta os homens e as mulheres, e que os mantém fora da comercialização do sexual, afastados da violência e do distanciamento da circulação e da troca como identidade sexual, a identidade do sexo, estando presos a esta ou àquela imagem, a esta ou àquela norma, a esta coisa da "sexualidade".

Apesar de serem identificadas como "heterossexuais", muitas mulheres nesta sociedade sentem pouco desejo sexual pelos homens devido às políticas de opressão sexual; o domínio masculino destrói e distorce esse desejo. Foi a gravidade dos atos de opressão sexual impostos às mulheres pelos homens que dificultou a comunicação entre mulheres e homens sobre as interações sexuais positivas. Cada vez mais, as mulheres feministas heterossexuais deixam bem claro que escolhem ter um relacionamento com um determinado homem e resistem à ideia heterossexista de que estão disponíveis para os avanços sexuais de qualquer homem. Esta ação ataca a heterossexualidade obrigatória que nega às mulheres o direito de escolher parceiros sexuais masculinos ao avaliar se estas interações as apoiam ou afirmam. Ao afirmarem o seu direito de escolher, as mulheres desafiam o pressuposto de que a sexualidade feminina existe para satisfazer as necessidades sexuais dos homens. Os seus esforços intensificam a luta pelo fim da opressão sexual. O direito de escolha tem de caracterizar todas as interações sexuais entre os indivíduos. Tal como mais homens e mulheres afirmam a particularidade e a especificidade do desejo sexual, a ideia de sexualidade do mercado.

Uma mudança que ocorrerá, sem dúvida, à medida que a luta pelo fim da opressão sexual avança será a diminuição da obsessão pela sexualidade. Isto não significa que haverá uma diminuição da atividade sexual. Significa que a sexualidade deixará de ter a importância que lhe é atribuída numa sociedade onde a sexualidade que tem os objetivos expressos de preservar a desigualdade de género, o domínio masculino, o consumismo e a frustração sexual e a infelicidade desvia a atenção da necessidade de fazer uma revolução social. Como comenta Stephen Heath:

O verdadeiro problema e tarefa é sempre uma revolução social. Privilegiar o que é sexual não tem nada de necessariamente libertador; de facto, funciona demasiado bem, a título de exemplo, como desenvolvimento da sociedade e como referência a partir da qual a sociedade garante a sua ordem para além de qualquer processo de transformação eficaz, produzindo precisamente uma área e ideologia que albergam a "revolução" ou a "libertação".

Para eliminar a opressão sexista, as feministas têm de continuar a empenhar-se no desenvolvimento de uma teoria política da sexualidade. No entanto, temos de ter em conta que a luta pelo fim da opressão sexual é apenas um dos componentes de uma luta maior

que visa transformar a sociedade e estabelecer uma nova ordem social.